

A MICROCONSTRUÇÃO INTENSIFICADORA [COM FORÇA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Edson Rosa Francisco de SOUZA¹

Letícia de Almeida BARBOSA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3448>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, com base nos estudos cognitivos-funcionais de Bybee (2016) e na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), a microconstrução intensificadora [com força], instanciada pelo subesquema construcional $[[X] \text{ prep } N]_{\text{intensif}}$ no português brasileiro, que modifica tanto predicados verbais, como em [*correr* com força], quanto predicados adjetivais, como em [*feio* com força]. Para a análise dos dados, utilizamos as subamostras *Histórico/Gênero* e *Web/Dialetos* do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), referentes aos séculos XIII-XXI. Em linhas gerais, verificamos que, ao longo da história e do processo de formação da microconstrução [com força] no português brasileiro, ela passou por mudanças morfossintáticas e semânticas que foram responsáveis pela veiculação de quatro valores semânticos distintos de funcionalidade: *modo*, *instrumento*, *predicativo* e *intensidade*, tendo a intensificação se originado a partir dos valores de modo e instrumento. Com base na análise dos dados do *corpus*, foi possível notar que o surgimento da expressão [com força] enquanto expressão intensificadora se dá a partir do século XIX.

Palavras-chave: Funcionalismo. Abordagem construcional. Intensificação. Esquematicidade. Composicionalidade. Produtividade.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; edson.rosa@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-1303-1394>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; leticiaalmeidabarboza@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9386-8199>

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

THE INTENSIFYING MICROCONSTRUCTION [COM FORÇA] IN PORTUGUESE: AN ANALYSIS BASED ON A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE

Abstract: The aim of this article is to analyze, based on the cognitive-functional studies of Bybee (2016) and the constructional approach of Traugott and Trousdale (2013), the intensifying microconstruction [*com força*], instantiated by the constructional subschema [[X] prep N]intensif in Brazilian Portuguese, which modifies both verbal predicates, as in [*correr com força*], and adjectival predicates, as in [*feio com força*]. For analysis we used the *History/Gender* and *Web/Dialects* subsamples from the Portuguese Corpus (DAVIES; FERREIRA, 2006) between the 13th and 21st centuries. As a result, we found that, throughout the history and the formation process of the microconstruction [*com força*] in Brazilian Portuguese, it underwent morphosyntactic and semantic changes that were responsible for conveying four distinct semantic values of functionality in the language: manner, instrument, predicative and intensity, with the intensification originating from the manner and instrument values. Based on the analyzes of the corpus data, it was possible to note that the emergence of the expression [*com força*] as an intensifying expression takes place from the 19th century onwards.

Keywords: Functionalism. Constructional approach. Intensifying constructions. Schematicity. Compositionality. Productivity.

Introdução

No nosso cotidiano, como afirma Costa (2010, p. 62), as experiências e as ações que o indivíduo vivencia nas mais diferentes instâncias da comunicação são sempre únicas, ou seja, elas se diferenciam por diversos motivos, e um deles diz respeito à intensidade com que ocorrem, podendo variar entre pouco ou muito intenso.

A intensificação contribui para o acréscimo, substituição, reparação e contraste de informações (SCALDELAI-SALLES; SOUZA, 2020, p. 56) e também para a estruturação do pensamento estratégico e persuasivo. Ela é definida por Silva (2006, p. 146) como:

[...]o processo semântico-discursivo pelo qual se atribui intensidade, em termos graduais [...], a uma dada noção conceitual, em geral, de acepção mais abstrata. Em outras palavras, é uma operação cognitiva (motivada e emergente pela interação verbal) por meio da qual se imprime reforço, em escala ascendente ou descendente, à ideia de um determinado conteúdo, estendendo-se sua concepção para além do nível de significação considerado normal ou básico.

Considerando, pois, essa primeira incursão pelo domínio da intensificação, o nosso objetivo neste artigo é descrever e analisar a história da microconstrução intensificadora [com força] no português brasileiro, instanciada pelo subesquema construcional [[X]prepN], levando-se em consideração a sua composicionalidade (a microconstrução pode veicular modo e intensidade) e a sua relação hierárquica e esquemática com outros (sub)esquemas em termos de atração e produtividade.

Para cumprir esse objetivo, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, discorreremos sobre os princípios teóricos da abordagem construcional e sua relevância para análise das construções intensificadoras, em seguida apresentamos o funcionamento da microconstrução [com força] e sua relação com a expressão de intensidade no português brasileiro. Na sequência, apresentamos a análise e a discussão dos dados, e, por fim, listamos as conclusões e as referências bibliográficas.

Fundamentação teórica

A abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013) define a língua como uma rede de construções (resultado de diferentes pareamentos de forma e significado) que se organizam de forma hierárquica e estabelecem diferentes tipos de vinculação ou ligação (elos de herança e elos relacionais). Nesse contexto, sempre que uma nova construção emerge na língua ou cai em desuso, a rede construcional é reconfigurada de modo a abarcar as novas mudanças implementadas, ou seja, quando uma nova construção surge na língua, cria-se um novo nó construcional que é acoplado à rede existente. A reconfiguração da rede construcional é, portanto, motivada por mudanças linguísticas que se iniciam, quase sempre, no contexto de uso individual do falante e se expandem para outros contextos de uso de outros membros da comunidade linguística.

Para a abordagem construcional, que mobiliza pressupostos teóricos da linguística cognitiva, a mudança linguística não ocorre de forma aleatória e sem direção, mas sim de maneira regular e gradual (BYBEE, 2016), uma vez que esse processo está atrelado a uma realidade humana, social e cultural, o que a torna inerente à língua. Em outras palavras, para essa perspectiva teórica, a língua constitui um “sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2016, p. 18), que está sempre se adaptando, se moldando e se adequando às necessidades comunicativas dos participantes no momento de interação.

Além de entender a língua como sistema dinâmico e adaptativo, a proposta de análise de Bybee, que é incluída no modelo da abordagem construcional de Traugott e Trousdale, reconhece que a estrutura linguística é derivada a partir da aplicação de processos cognitivos de domínio geral tais como: categorização, *chunking*, memória

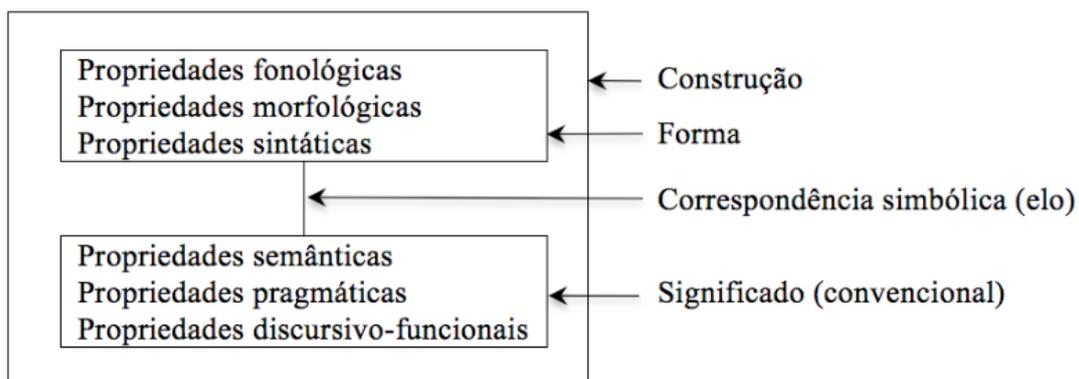
- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

enriquecida, analogia e associação transmodal. Para a autora, os processos de domínio geral são “aqueles que se podem mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem” (BYBEE, 2016, p. 18). Conforme a autora, esses processos estão sempre presentes nos usos efetivos que fazemos da língua e é o uso repetitivo desses processos que afeta a representação cognitiva da linguagem, e, conseqüentemente, o modo como ela se manifesta.

No âmbito da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), a gramática é, então, vista como um conjunto de pareamentos simbólicos de forma e significado, que se organizam em famílias de construções. Dito de outra forma, para a abordagem construcional, em especial para Croft e Cruse (2004) e Traugott e Trousdale (2013), a língua é concebida como um inventário de construções, cujas relações são definidas a partir de suas especificidades e suas funcionalidades na língua. Assim, a unidade de análise nesse modelo teórico passa a ser a construção, oriunda da Gramática de Construções, e é reconhecida por Croft (2001) como um elo de correspondência simbólica entre propriedades formais e propriedades do significado.

Conforme se verifica na figura 1, reproduzida a seguir a partir de Croft (2001), ambas as dimensões (atinentes à forma e ao significado) motivam os usos linguísticos e essas são motivadas também por tais usos, configurando, assim, um outro tipo de correlação (função ↔ forma), em que ambos se influenciam e reforçam a importância do contexto de uso/forma para a compreensão do processo de emergência de novas construções em uma língua, como bem destaca Oliveira (2015, p. 24).

Figura 1. Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18)

Com base na figura 1, entende-se que a língua se desenvolve por meio da relação entre as propriedades da forma e as propriedades do significado. Para Croft (2001), os

traços formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) ligam-se aos traços do significado (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais) por meio de um elo convencional, isto é, por meio de uma relação arbitrária. Dessa forma, para caracterizar um dado pareamento como uma construção, é preciso observar se o significado das partes que a compõem é ou não resultado das propriedades que a configuram. Para isso, devemos considerar os princípios de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, observados em Traugott e Trousdale (2013).

Para Traugott e Trousdale (2013), o grau de esquematicidade de uma construção pode ser observado a partir da formulação de um *continuum*, pois, segundo os autores, ela pode manifestar diferentes níveis de abstratização e especificidade. Assim, é possível encontrar construções menos esquemáticas, quando são preenchidas por material fônico, intermediárias, quando há um *slot* a ser preenchido, como o padrão *X-mente*, e mais esquemáticas, compondo-se apenas de *slots* vazios, como o padrão SVO do português.

A produtividade, por sua vez, refere-se, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 17), ao poder de atração do esquema construcional, ou seja, à frequência com que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas, e também ao modo como esses esquemas adquirem restrições. Desse modo, quanto maior o poder de atração de novos membros para um dado esquema construcional, maior é o seu grau de produtividade na língua. Por outro lado, quanto menor for o poder de atração de novos integrantes para uma construção esquemática, menor é o seu grau de produtividade.

Quanto à composicionalidade, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que ela está intimamente ligada ao grau de transparência e opacidade entre forma e significado, isto é, uma construção é classificada como menos composicional quando o significado da construção é resultado do todo e não da soma das partes que a compõem, como em *bater as botas*, que, em português, faz referência ao ato de morrer/falecer. Construções consideradas mais composicionais preservam os significados da base, uma vez que a soma das partes não expressa um significado diferente dos sentidos que as compõem.

Ao compreender a língua como um inventário de construções interligadas em rede, nota-se a atuação de processos cognitivos de domínio geral por trás do uso linguístico. Bybee (2016) considera que alguns desses processos atuam em diferentes domínios cognitivos, proporcionando ao falante estabelecer variadas relações de conhecimentos já armazenados com novas instâncias, apreendidas por meio do uso. O processo de *categorização*, por exemplo, diz respeito, segundo Bybee (2016), à capacidade que o indivíduo tem para agrupar itens semelhantes em torno de um exemplar que possui todos os traços de determinada categoria. Já o *chunking* constitui um processo de domínio geral

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

que permite a combinação de unidades sequenciais, formando unidades mais complexas, como as expressões idiomáticas, que, por serem utilizadas juntas com alta frequência, são acessadas como uma única unidade na língua.

A memória enriquecida, por sua vez, consiste, segundo Bybee (2016), no armazenamento de características linguísticas decorrentes da experiência humana. Nota-se, nesse caso, a possibilidade de correlacioná-la ao processo de categorização, pois à medida que ocorre o agrupamento de itens semelhantes, novas construções são mapeadas a partir de representações já existentes no inventário da língua.

Diferentemente da concepção de analogia postulada em Bybee (2016), o conceito de *analogização* pode, conforme Traugott e Trousdale (2013), ser compreendido como um processo pelo qual novos usos são criados com base em outros já existentes na língua. Tal percurso é propiciado pela extensão metafórica, como ocorre no caso das construções intensificadoras, que leva itens linguísticos provenientes de um dado domínio conceptual a codificarem outros domínios mais abstratos, resultando, possivelmente, em aumento de produtividade de determinada construção.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a função primária da metáfora é proporcionar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de outro. Aplicada à linguagem, entendemos a extensão metafórica como o surgimento de construções mais abstratas a partir de um campo conceptual mais concreto, via analogização.

Por último, mas não menos importante, observamos o processo de *associação transmodal*, que constitui outro mecanismo de domínio geral que permite o estabelecimento de elo simbólico de associação entre forma e significado, uma vez que experiências coocorrentes tendem a se manter relacionadas, cognitivamente, por meio de diferentes associações.

Para a abordagem construcional, a mudança linguística pode ocorrer, segundo Traugott e Trousdale (2013), de duas maneiras distintas: *mudança construcional* e *construcionalização*. A mudança construcional é um processo que afeta a estrutura interna de uma construção, que pode ser a forma ou o significado separadamente. Esse tipo de mudança não resulta na criação de uma nova construção (um nó na rede), pois o que ocorre é apenas a alteração das subpartes de uma determinada construção.

Já a construcionalização é definida por Traugott e Trousdale (2013, p. 22, tradução nossa³) como:

[...] a criação de um novo pareamento de forma-significado (combinação de signos). Ela forma novos tipos de nós, que passam a ter novas sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos, o que implica gradualidade, ou seja, novas microconstruções podem ser graduais ou instantâneas.

Importa destacar que a construcionalização envolve dois tipos de mudança: a construcionalização gramatical e a construcionalização lexical. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 147, tradução nossa⁴), a construcionalização gramatical pode ser definida como:

[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças de um novo pareamento de forma-significado de um determinado signo, cuja função é procedural. Um signo gramatical sugere como o falante conceitua relações entre os referentes na(s) cláusula(s) e como o destinatário deve interpretá-la(s). Nos casos de construcionalização gramatical, verifica-se a perda de significado lexical, entretanto as fontes também podem ser não-lexicais [...]

Traugott e Trousdale (2013, p. 193) definem a construcionalização lexical como:

- a) o resultado da construcionalização lexical é pleno de conteúdo, ao passo que o da construcionalização gramatical é de natureza procedural e indicial.
- b) A construcionalização lexical normalmente não envolve expansão sintática,

3 No original: "the creation of formnew-meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may [...] gradually [or] instantaneous."

4 No original: "Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a formnew-meaningnew sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical [...]"

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

no que diz respeito a tornar-se disponível em novos contextos sintáticos ou a ser usada com novas funções sintáticas⁵.

Os casos de construcionalização gramatical envolvem construções que emergem na língua para exercer funções gramaticais, tais como a conexão de orações, a expressão de tempo, aspecto e modo, intensidade, dentre outras. Em termos de produtividade, esquematicidade e composicionalidade, o que se observa é que a construcionalização gramatical envolve aumento de produtividade (construções gramaticais tendem a ser mais frequentes) e esquematicidade (tendem a ser tornar mais abstratas e a atrair outros membros menos centrais para o esquema construcional) e uma relativa redução no nível de composicionalidade, uma vez que há construções que podem ser totalmente composicionais (transparentes), ou seja, o significado é resultado da soma de cada subparte que compõe a construção, e outras que são mais ou menos composicionais.

A construcionalização lexical, por outro lado, em especial a que diz respeito à construcionalização lexical de construções complexas, envolve o decréscimo do grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Isso se deve ao fato de que os esquemas lexicais, como é o caso das construções idiomáticas do tipo “Maria vai com as outras”, são altamente fechados, não apresentando *slots* para serem preenchidos por outros elementos, por isso são pouco produtivos e pouco esquemáticos.

Ao observarmos as construções intensificadoras no português brasileiro, podemos verificar que elas podem ser tanto de natureza mais gramatical, tais como as que são instanciadas pelos subesquemas construcionais [[X] prep N], [Prep N [X]] e [[X] prep V], como de natureza lexical, por exemplo, aquelas que são mais cristalizadas ou idiomáticas (*até cachorro beber água em pé, só o pó da rabiola, a dar com pau*, etc.). Isso significa que as construções intensificadoras, por exibirem diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, são graduais (COSTA, 2010) e bastante dinâmicas.

Neste artigo, dentre os recursos possíveis para a expressão de intensidade no português, optamos por analisar e descrever a microconstrução intensificadora [com força], a fim de evidenciar a sua emergência na língua, uma vez que tanto usos intensificadores prototípicos, como *muito*, *bastante* e *demais* quanto os usos inovadores, como *pra caramba* (SCALDELAI-SALLES; SOUZA, 2020), são bastante frequentes e produtivos na comunicação entre os falantes.

5 No original: “a) The output of lexical constructionalization is contentful, that of grammatical constructionalization is procedural and indexical. b) Lexical constructionalization typically does not involve syntactic expansion, with respect either to becoming available in new syntactic contexts, or to being used with new syntactic functions.”

As construções intensificadoras no português brasileiro: o caso de [com força]

Os estudos sobre as construções intensificadoras em perspectiva construcional vêm crescendo consideravelmente nos últimos anos, tais como: Silva (2006), Silva, Souza e Andrade (2009), Berlanda (2013), Grandi (2017), Buntinx e Van Goethem (2018), Scaldelai (2016, 2017, 2020), Scaldelai-Salles e Souza (2020) e Mota e Vieira (2020). Em geral, esses estudos mostram que, além das construções intensificadoras prototípicas, como *bastante*, *muito*, dentre outras, as línguas dispõem de outras construções, muitas delas definidas como inovadoras pelos autores, para marcar o grau intensificador. Scaldelai-Salles e Souza (2020) analisam, por exemplo, as microconstruções intensificadoras [*pra caramba*], [*pra caralho*], [*pra burro*], [à beça], e muitas outras instanciadas pelo (sub) esquema construcional [[X] prep N] do português, à luz dos pressupostos teóricos da Abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013). Os autores mostram que essas microconstruções, classificadas como construções intensificadoras hiperbólicas, são muito frequentes no português e circulam por vários gêneros textuais. Mota e Vieira (2020), por sua vez, analisam a composicionalidade e a produtividade da configuração formal-funcional do subesquema [X cor de SN] no português, vinculado à construção intensificadora [Xcor de Y], que instancia microconstruções como [*roxo/verde de raiva*] e [*vermelho de vergonha*]. Esses padrões construcionais evidenciam que o esquema abstrato de intensificação abarca um grande número de subesquemas de intensificação no português brasileiro.

Além das microconstruções intensificadoras estudadas pelos autores citados acima, identificamos no português um novo tipo construcional, aqui nomeado como a microconstrução intensificadora [com força], como visto em (1):

- (1) O tráfico de animais silvestres está presente **com força** junto com o comércio de muita coisa furtada, roubada e pirateada. (19:aprenda.bio.br)

Como se pode observar, a expressão [com força] em (1) atua como uma estratégia de intensificação, já que a função dessa microconstrução é explicitar que o tráfico de animais silvestres está muito atrelado a outros tipos de contrabandos, ou seja, o objetivo do falante é intensificar o que se sabe nesse caso sobre esse tipo de acontecimento. Entendemos que, em (1), o escopo da microconstrução [com força] incide sobre o estado-de-coisas como um todo [o tráfico de animais silvestres está presente...], uma vez que o enunciado em questão traz uma informação nova para o contexto de comunicação.

Entretanto, essa mesma expressão pode figurar em outros contextos de comunicação exercendo uma função mais composicional, como se vê em (2) e (3):

- (2) O corpo já falou demais. O senador toca com a ponta da bota lustrosa no corcunda que abre o olho vermelho, por um instante procura situar-se. – Traga o chá! O corcunda arrasta-se, batendo **com força** os pés nas tábuas do assoalho. Com os cotocos, o senador movimenta a cadeira de um lado para o outro, como se fosse uma rede. (19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos).
- (3) Assustava-se o viúvo, agarrando-se ao passado por temor de seu futuro, quando escutou o chamarem, um chamado inoportuno – como interrompiam uma vida de surpresas? Ainda faltava tanto, tanta coisa a viver, tanto a evocar. Levantou-se aborrecido, abriu a porta **com força**, deparou com Rita Bento, olho inchado, veste escura, tímida, avisando ao pai a chegada das visitas, muita gente o esperava: – Ficamos preocupados com o senhor aí dentro, a tarde passou inteira. (19:Fic:Br:Abreu:Santa).

Apesar de a expressão [com força] exemplificada em (2) e (3) ser instanciada por um mesmo (sub)esquema construcional, a saber [[X] prep N], a sua composição semântica é diferente, pois, nessas ocorrências, o valor semântico de [com força] está ligado ao domínio mais concreto de força, que é responsável pela leitura de advérbio de modo, ou seja, nesses casos, a expressão [com fora] atua como advérbio de modo (e não como expressão adverbial de intensidade), especificando o modo como o corcunda bateu os pés nas tábuas do assoalho, como em (2), e o modo como a porta foi aberta, como em (3).

Diferentemente do que se observa em (1), em que a função da estrutura [com força] é de intensificação, em (2) e (3) a sua configuração semântica é mais composicional, pois o seu valor semântico ainda está ligado ao domínio cognitivo de força (+ concreto).

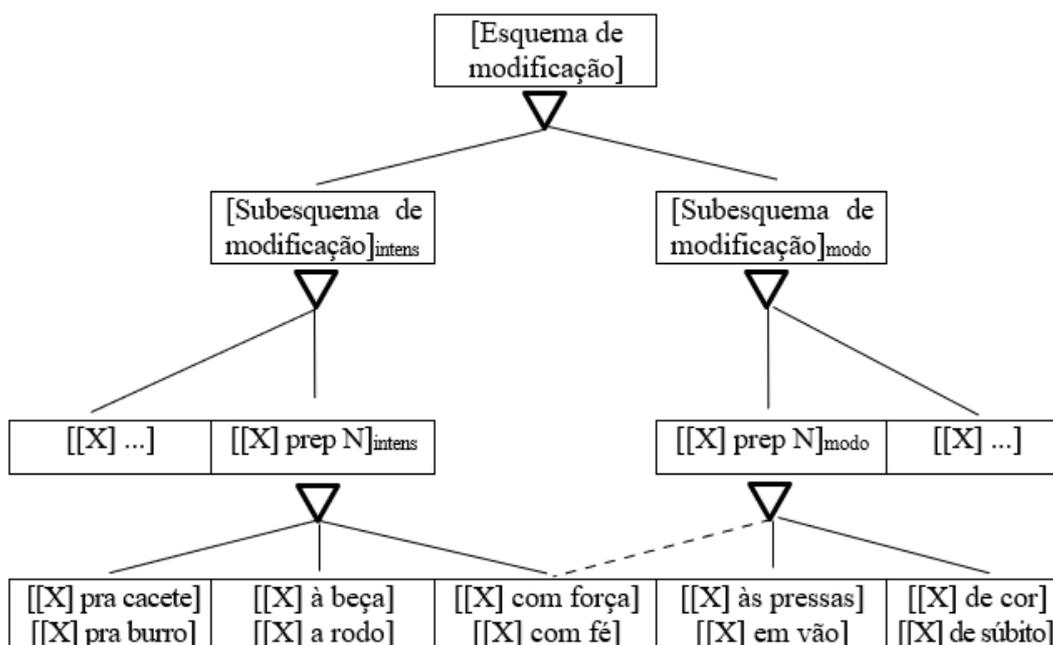
Diante do exposto, a hipótese deste artigo é a de que essa microconstrução [com força] emerge na língua como um novo pareamento de forma e significado com valor de intensidade correspondente ao das construções intensificadoras já investigadas no português, que são instanciadas pelo esquema construcional [[X] prep N]_{intensif*}.

Acreditamos que o licenciamento dessa expressão como uma microconstrução intensificadora no português decorre da perda de composicionalidade dos elementos “com” e “força”, que denotam força/modo/instrumentalidade em um uso mais composicional, em direção à ideia de intensidade.

A implementação dessa nova construção ocorre a partir do processo de metaforização do valor de modo ligado ao domínio mais concreto de força para um domínio mais abstrato de intensidade. Isso significa que a microconstrução [com força] de natureza intensificadora mantém um elo familiar com a microconstrução [com força]

de modo, já que ambas compartilham traços formais e são instanciadas por um mesmo esquema construcional, como se vê abaixo:

Figura 2. Rede conceitual das relações de modo e intensidade no português brasileiro



Fonte: Elaboração própria

A figura 2 mostra que o subesquema construcional de intensidade, em especial o de natureza não prototípica, mantém uma relação periférica (de não-prototipia) com o subesquema construcional de modo, justamente porque os subesquemas que instanciam as microconstruções de intensidade e de modo estão ligados a um esquema mais genérico de modificação. Além disso, o esquema construcional [[X] prep N] instancia um mesmo tipo de microconstrução, a saber [com força], que, a depender do contexto de uso, pode exercer a função de intensificação ou marcar o modo como alguma coisa é feita ou ocorre em uma dada situação de comunicação.

O surgimento desse novo uso na língua revela o que Croft (2001), Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2013) chamam de *chunking* (encadeamento), uma vez que se trata de uma combinação de termos linguísticos que passa a ser vista, por conta da convencionalização, com uma nova função na língua.

Silva, Souza e Andrade (2009) assinalam que o quadro de expressões intensificadoras no português é mobilizado por vários tipos de estratégias: i) intensificadores lexicais (*muito, demais, bastante*, etc.); ii) repetição (*correu, correu; chato, chato, chato*); iii) silabação

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

(*IM-POS-SÍ-VEL*); iv) entoação (*CANsado*) e v) prolongamento de sílaba (*bonitoooo*). Assim como em outras línguas, no português, essas construções intensificadoras desempenham um papel importante no que diz respeito às diferentes maneiras de dizer algo, qualificar e descrever um evento.

Em contextos de uso prototípico, é comum encontrar, dentre as diferentes possibilidades, as microconstruções intensificadoras *muito* e *bastante*, como em:

- (4) Galera, passou o dia do Fusca, passou a posse do Obama e eu não poste nada! Justo esses dois assuntos que vocês sempre esperam uma posição minha, visto que meu carro e a política internacional sempre me chamam muita atenção e eu sempre comento ***bastante***. (001pontodevista.zip.net/).
- (5) “A rodovia está em uma condição boa e acredito que esses acidentes com mortes acontecem por causa da falta de cuidado dos motoristas”, opinou o caminhoneiro Carlos de Brito. Para o caminhoneiro Adenilson Barbosa, o excesso de velocidade está entre os principais causadores das ocorrências. “O pessoal corre ***muito***. Em trecho de 60 quilômetros por hora tem gente que anda a 100. Isso acaba sendo perigoso”, disse. (visaoregional.com.br).

Em (4), nota-se que o falante, ao afirmar “*meu carro e a política internacional sempre me chamam muita atenção e eu sempre comento bastante*”, ele utiliza o advérbio intensificador *bastante* para mostrar que os comentários acerca de seu carro e da política são feitos com frequência. O mesmo ocorre em (5), por meio do advérbio intensificador *muito*, que é comumente utilizado pelo falante para expressar frequência ou rapidez a depender da nuance que se deseja evidenciar. Ao enunciar “*o pessoal corre muito*”, o objetivo do falante é mostrar que os acidentes com mortes nas rodovias ocorrem por causa da imprudência e do excesso de velocidade dos motoristas em trechos perigosos. Assim, ao intensificar a ação expressa pelo verbo *correr*, o falante alcança o seu propósito.

O uso da microconstrução [com força] com função intensificadora envolve um processo de abstratização semântica da noção de força ou potência física, que está atrelada às atividades físicas e corpóreas do indivíduo, como visto em (6):

- (6) Ao ver a praça cheia, ele agradeceu e até desceu do palco para tocar em as mãos de os fãs que estavam na frente. No entanto, o cantor não quis atender a imprensa. CDD também não ficou pra trás e mostrou que a voz feminina representa ***com força*** o rap. # Ao contrário de o que muita gente gosta de dizer por aí, o estudante Vitor Hugo Sousa lembra que MV Bill passa mensagens positivas para a gurizada. (20:Campo Grande News).

Como se observa em (6), o valor semântico de força física, que está atrelado ao domínio cognitivo mais concreto do universo biofísico do falante, passa por um processo de abstratização semântica, a partir da operação de metaforização, em que o valor de força física é transferido metaforicamente para o contexto de intensidade, que é mais abstrato que o domínio cognitivo de força física. Nesse sentido, em (6), ao usar a construção *com força*, o propósito do falante é enfatizar que a voz feminina representa bastante o *rap*.

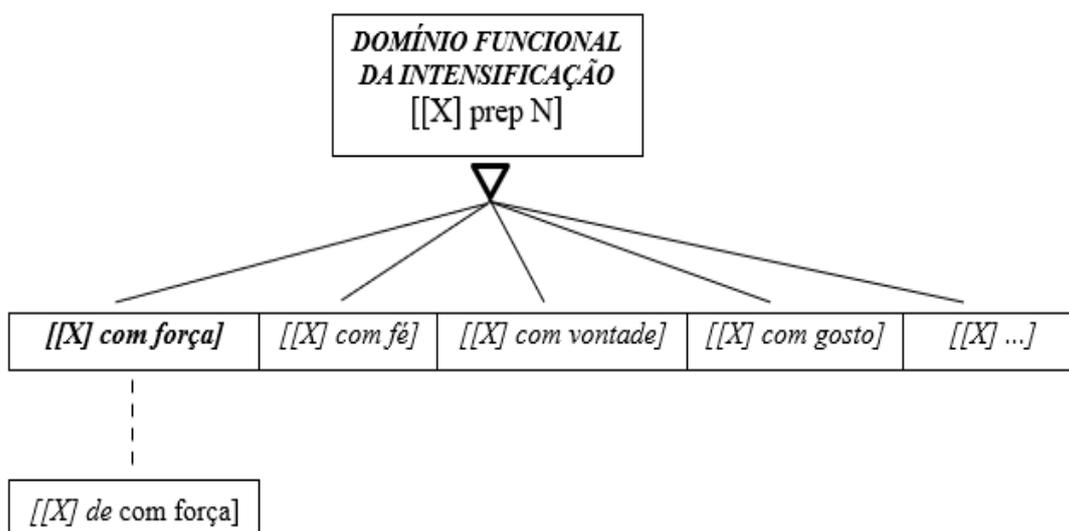
Sobre esse aspecto, Silva (2006, p. 67) diz o seguinte:

[...] a linguagem está intimamente ligada a outros domínios cognitivos e interage com fatores ecológicos, psicológicos, culturais, sociais, comunicativos etc. Desse modo, a estrutura linguística relaciona-se com e é motivada pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelas funções comunicativas do discurso. Em outras palavras, a linguagem depende de conceitualização, sendo condicionada por nossas experiências, e pelo ambiente externo e pelas relações que mantemos com esse ambiente.

Diante do exposto, Silva (2006, p. 70), baseado nas ideias dos precursores da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987, dentre outros), diz que o aparato conceitual humano se constrói mediante operações cognitivas embasadas no modo como somos fisicamente e na relação que temos com o mundo natural e sociocultural ao nosso redor, o que denota que o pensamento tem base corporal. No tocante ao processo de intensificação, é importante destacar também que, além da microconstrução [com força], o subesquema construcional [[X] prep N] instancia ainda várias outras microconstruções intensificadoras, como ilustrado na figura 3:

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Figura 3. Grau de atração do subesquema [[X] prep N] e variabilidade funcional



Fonte: Elaboração própria

Em (7) e (8), a expressão [de com força] atua como intensificador, modificando o verbo das sentenças (*utilizar* e *trabalhar*, respectivamente). Além disso, identificamos no corpus uma outra microconstrução intensificadora variante, rotulada como [de com força], que circula mais em ambientes informais de comunicação. Apesar de todas as microconstruções listadas na figura 2 exercerem a mesma função, a expressão [de com força] apresenta uma estrutura linguística distinta e, possivelmente, um grau maior de estigmatização.

- (7) Produzir energia a partir do BIO DIGESTOR. Dizem que a China utiliza **de com força** esta opção natural, cuja vantagem também é o adubo. (ambienteenergia.com.br).
- (8) O mal neste mundo trabalha **de com força** para que sejamos frustrados e infelizes. (escolapsicologia.com).

Em (7), ao escopar o verbo *utilizar*, a construção [de com força] passa a expressar intensidade, equiparando-se à ideia de que *a China utiliza bastante a opção natural*. No excerto (8), a ideia de intensidade da expressão [de com força] pode ser aferida a partir da seguinte paráfrase: *o mal trabalha com intensidade para que sejamos frustrados e infelizes*. A figura x mostra que esse tipo de microconstrução intensificadora, que se constitui a partir da preposição “com”, é relativamente produtiva no português.

Para este artigo, optamos pela investigação apenas da microconstrução intensificadora [com força], que pode modificar tanto predicados verbais, como em [*amar com força*] e [*correr com força*], quanto predicados adjetivais, como em [*ruim com força*] e [*feio com força*]. Consoante Silva (2006), o uso de intensificadores no português pode ser caracterizado como fenômeno gradual, uma vez que tal processo constitui uma operação cognitiva por meio da qual se imprime um reforço mais ou menos intenso.

Materiais e método

Para a realização da pesquisa, adotamos a perspectiva teórica da Linguística Cognitivo Funcional, representada especialmente por Bybee (2016), e os pressupostos teóricos da abordagem construcional de Goldberg (2003) e Traugott e Trousdale (2013).

Para analisar a emergência da microconstrução [com força]_{intensif} no português, selecionamos o *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006, 2016), que é composto por quatro subamostras do português: (i) a subamostra *Gênero/Histórico*, com 45 milhões de palavras, que inclui textos do português brasileiro e do português europeu e permite a realização de pesquisa diacrônica a partir de sincronias que vão do século XIII ao século XX; (ii) a subamostra *Web/Dialetos*, com um bilhão de palavras, que inclui textos de quatro variedades diferentes do português (Brasil, Angola, Moçambique e Portugal); (iii) a subamostra *Now*, com um bilhão e 100 milhões de palavras, que inclui textos atualizados da internet oriundos de revistas e jornais publicados em português em quatro países (dos anos 2012 a 2019): Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. Para esta pesquisa, utilizamos somente as subamostras *Gênero/Histórico* e *Web/Dialetos*.

A fim de manter a equidade e a representatividade entre as sincronias que compõem as duas subamostras selecionadas para esta pesquisa, elegemos o montante de 180 ocorrências para cada recorte sincrônico da subamostra *Gênero/Histórico* (cujas sincronias vão do século XIII ao século XX) e 180 ocorrências para a subamostra *Web/Dialetos*. Após a utilização da ferramenta de mesclagem de contextos, que possibilita que ocorrências de diferentes gêneros textuais sejam arroladas no levantamento de dados, selecionamos apenas as primeiras 180 ocorrências da expressão [com força] da busca realizada na plataforma do *Corpus* do Português. Quando o número de ocorrências levantadas em uma dada sincronia fica abaixo do teto de 180, são selecionadas todas as ocorrências encontradas nesse período.

Foram identificadas no *corpus* de investigação o total de 738 ocorrências do padrão construcional [com força], sendo 558 ocorrências referentes à subamostra *Gênero/Histórico* e 180 ocorrências referentes à subamostra *Web/Dialetos*. Do total de 738

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

ocorrências levantadas no *corpus* de análise, apenas 182 delas correspondem ao uso de [com força] com função intensificadora. As demais ocorrências representam, na maioria, casos em que a construção [com força] atua como advérbio de modo, incluindo, ainda, com baixa frequência, usos dessa expressão com função instrumental (*o homem realizou o trabalho com a força do braço*) e função predicativa (*os ventos chegaram com força destrutiva*). Vejamos:

Tabela 1. Relação entre percentuais por sincronia e função da expressão [com força]

Valores Sincronias	Função da expressão [com força] no português				TOTAL
	Intensificação	Modo	Instrumento	Predicativa	
Séc. 21	64	80	17	19	180
Séc. 20	11	87	26	42	166
Séc. 19	7	219	43	28	297
Séc. 18	-	28	2	4	34
Séc. 17	-	26	6	1	33
Séc. 16	-	19	4	2	25
Séc. 15	-	-	2	1	3
TOTAL	82 (11%)	459 (63%)	100 (14%)	97 (12%)	738

Fonte: Elaboração própria

Diferentemente de outras microconstruções intensificadoras, tais como [pra caramba], [pra cacete], [pra burro], entre outras, que são muito frequentes no português brasileiro, a microconstrução intensificadora [com força], embora já esteja consolidada na língua, ainda não é tão produtiva quanto as demais. Seu comportamento funcional também apresenta mais restrições em comparação às demais expressões.

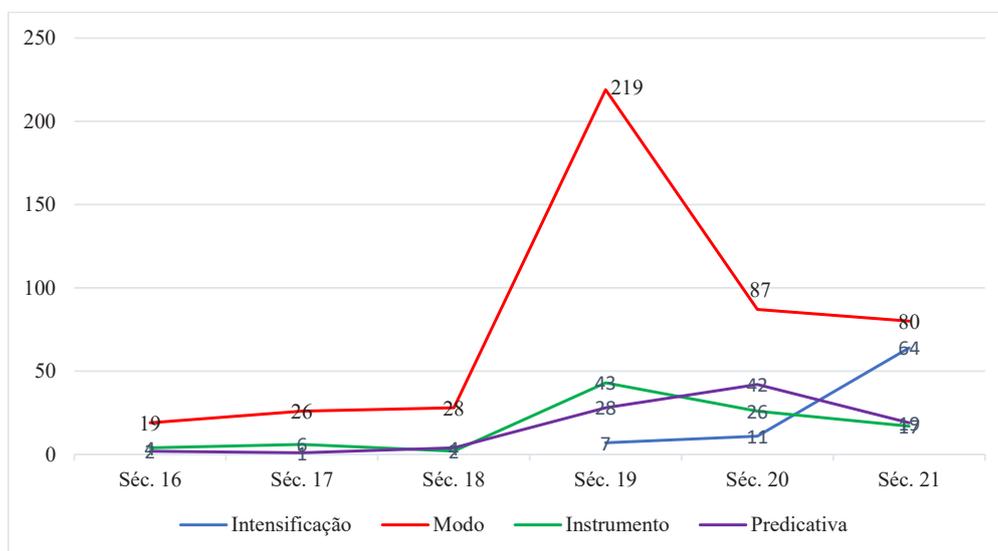
A análise a seguir trata mais especificamente do uso da expressão [com força] com valor intensificador, no entanto, para entendermos o processo de formação dessa microconstrução na história do português e os contextos morfossintáticos e semânticos que favoreceram a sua emergência e consolidação na língua, estabeleceremos algumas comparações do uso intensificador da construção [com força] com os valores de modo, instrumento e predicativo. Ademais, buscamos apresentar a rede construcional em que o uso intensificador da microconstrução [com força] se insere, além de mapear a semântica dos predicados verbais que estão mais atrelados à veiculação do valor de intensidade. Por fim, buscamos analisar as propriedades atinentes à sua composicionalidade, produtividade e esquematicidade.

Análise e discussão dos dados

O levantamento de dados realizado nas duas subamostras do *Corpus* do Português nos permitiu identificar quatro valores semânticos atrelados ao padrão construcional [com força]: intensificação, modo, instrumento e predicativo.

Os dados evidenciam que a formação dessa construção no português é decorrente da perda da composicionalidade dessa expressão, isto é, da perda de transparência semântica, implementada ao longo das sincronias do português, e também da reconfiguração morfossintática dos componentes da construção. Essas mudanças possibilitaram o surgimento de um novo pareamento de forma e significado na língua, segundo os princípios teóricos de Traugott e Trousdale (2013). Observemos o gráfico:

Gráfico 1. Valores semânticos e número de ocorrências de [com força] nas sincronias



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 1 mostra que o valor de intensificação só emerge no português a partir do século 19, indicando que se trata de uma construção relativamente nova na língua. Nas demais sincronias, os valores ligados à expressão [com força] que predominavam na língua eram os de modo (maioria dos dados), instrumento e predicativo (qualificativo). Os valores de instrumento e predicativo aparecem nos contextos em que se verifica uma maior composicionalidade dos elementos que compõem a construção [com força], ou seja, nesses casos, é possível verificar a contribuição individual do significado de cada uma das subpartes da expressão para a composição dos significados de instrumento e qualificação (predicativo). Já o valor de modo, muito frequente no *corpus* investigado,

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

emerge em um contexto em que já se percebe um encadeamento (*chunking*, segundo Bybee, 2016) e uma opacidade maior dos elementos que integram a expressão. Em outras palavras, o que se verifica ao longo das sincronias é um processo de reconfiguração das margens da estrutura morfossintática da expressão:

Quadro 1. A reconfiguração de contextos morfossintáticos e a microconstrução [com força]

[x] [com] [força destrutiva]	[com a força] [do braço]	[x] [com força]	[x] [com força]
Os ventos chegaram com força destrutiva	Fez o trabalho com a força do braço	Bateu o martelo com força	A notícia repercutiu com força em todos os países
Predicativo	Instrumento	Modo	Intensificação

Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar no quadro 1 acima, a indicação dos dados diacrônicos é a de que os contextos morfossintáticos e semânticos que certamente contribuíram para a formação da expressão intensificadora [com força] no português são os de modificação adjetiva (predicativa/qualificativa) e de instrumento, a partir da reconfiguração das fronteiras morfossintáticas envolvendo a preposição [com] e o nome [força].

Os exemplos, a seguir, ilustram casos em que a expressão [com força] atua como advérbio de modo, como em (9), (10) e (11), e como instrumento, como em (12):

- (9) Dize tudo – interrompeu o Amir, apertando **com força** o braço da cativa e fitando nela os olhos, onde lutavam amor profundo e cólera violenta (18:Herculano:Eurico) – Século 19
- (10) Alvir tambem val o mesmo, que bulir **com força** numa cousa para a abalar. E tanto esteve Alvindo nos paos, que fez entrada Barros Dec. 2. fol. 201. (17:Bluteau:VPLA2) – Século 18
- (11) Arrancar **com força**, colher, destroçar, raspar, molestar, offender. Cic.* Destrigmentum,i,n.g. (16:BPereira:Pros3) – Século 17
- (12) torno a dizer que levar de força Cantão na mão **com força** de dous mil a tres mil homes e melhor digo dous tres mil não que com menos se não acabe a demanda. (15:Intino:China) – Século 16
- (13) Não leyxaria furar sua casa. Gorrã scilicet **com força** tirar se ha alma do corpo mas sayr da sua voontade. (14:SantaMaria:Evangelhos) – Século 15

Os dados acima evidenciam que sincronias pretéritas, em especial nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, a expressão [com força] atuava mais como advérbio de modo e instrumento. O uso dessa expressão como microconstrução intensificadora aparece no português a partir do século 19, como mostra o gráfico 1 visto anteriormente.

Nos séculos XX e XXI, os usos como advérbio de modo, instrumento e predicativo continuam existindo na língua, porém o número de ocorrências da expressão [com força] com função intensificadora aumenta expressivamente. O exemplo (14) representa um uso prototípico da expressão [com força], em que a preposição *com* e o substantivo *força* expressam seus significados de origem [o modo como algo é feito]:

- (14) Esprema **com força** a massa entre as mãos a fim de retirar toda a água.
(21:arteducacao.pro.br).

Em (14), a expressão [com força] atua como advérbio de modo, pois o objetivo do falante, nesse caso, é fazer referência ao modo como a massa tem que ser espremida entre as mãos para que toda a água seja retirada. A ideia predominante nesse contexto é de força (potência física), que pertence a um domínio cognitivo mais concreto (situado na dimensão biofísica do falante). O sentido da preposição “com”, em (14), denota, portanto, “maneira” ou “modo de se realizar ou fazer algo”. Para Neves (2011, p. 236), os advérbios ou expressões que atuam como modificadores, como é o caso da expressão [com força], servem para qualificar uma ação ou um processo, quando incidem sobre verbos, ou para indicar um estado, quando atuam sobre verbo ou adjetivo.

Em outros contextos, observamos que a microconstrução [com força], por meio do processo de metáforização, passa a perder composicionalidade semântica, uma vez que, ao ser processada como apenas uma unidade, é interpretada e entendida como equivalente aos advérbios “muito” e “bastante”, tornando-se, assim, mais opaca, visto que não se recuperam mais na expressão os sentidos iniciais dos dois termos. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), à medida que sequências de unidades se unem para formar um todo, passam a ser armazenadas na memória como uma única unidade complexa, contribuindo para a implementação de novas construções. As ocorrências (15), (16) e (17) evidenciam que a microconstrução [com força] perde composicionalidade semântica, quando comparada às ocorrências de (9) a (14):

- (15) podia negar que era mui atrativa e que valsava perfeitamente. Chegaria a amar **com força**? Nisto apareceu-lhe outra vez a mentira da praia.
(19:Machado:Borba).

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

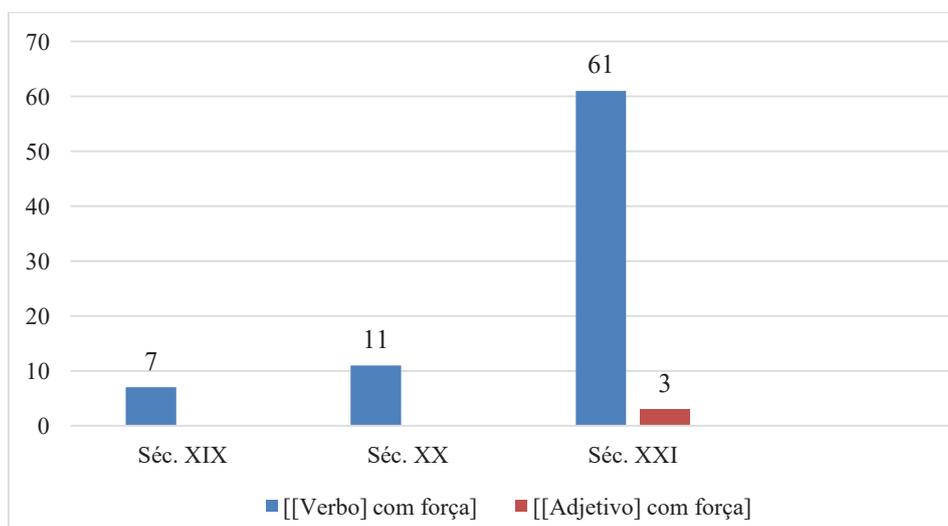
- (16) A notícia repercutiu **com força** em todos os países, pelo menos até a tarde de terça-feira na Argentina. (21:cartamaior.com.br).
- (17) Mas se você colocar amor, essa pessoa pode ser sua companheira, sua alegria, alguém que você deseja **com força**, alguém para te desafiar e te levar cada vez mais além. Falou e disse. (21:blog.mafaldacrescida.com.br).

Os dados (15), (16) e (17) mostram que [com força] passa a ser concebida como intensificadora, sendo, pois, instanciada pelo subesquema construcional [[X] prep N], que, devido ao alto grau de abstratização, permite o sancionamento de novos membros da rede, como a construção [pra caramba] descrita em Scaldelai e Souza (2020). Em (15), por meio da pergunta “*chegaria a amar com força?*”, o uso da expressão [com força] serve para expressar a ideia de “amar intensamente/bastante”. O escopo, nesse caso, incide sobre o verbo “amar”. Neves (2011, p. 236) diz que os advérbios de intensidade “intensificam o conteúdo de um adjetivo, um verbo ou um advérbio”. Por ser tratar de uma locução adverbial e se comportar de forma relativamente diferente dos demais casos de microconstruções intensificadoras, a expressão [com força] tende a escopar, com base nos dados aferidos, apenas o verbo e o adjetivo. O mesmo processo pode ser visualizado em (16), quando se diz “a notícia repercutiu com força em todos os países”, pois há a compreensão de que a notícia repercutiu muito/bastante.

Em (17), a microconstrução [com força] é usada pelo falante para intensificar o conteúdo expresso pelo verbo “desejar”. Nesse contexto, o falante busca enfatizar que o exercício do amor pode fazer alguém se tornar a sua companheira ou alguém que você gosta demais e quer sempre por perto.

Quanto ao tipo de elemento escopado pela microconstrução intensificadora [com força], verificamos a partir dos dados catalogados no *corpus* que houve um aumento da frequência de ocorrências da microconstrução [v com força], pois, do século XIX ao XX, houve um aumento de quatro ocorrências da microconstrução; já entre os séculos XX e XXI, observam-se 50 ocorrências a mais.

Sabe-se que a alta frequência de uso possibilita que as construções se convencionalizem na língua, passando a ser reconhecidas como funcionais e aceitas pelos falantes com mais facilidade. Bybee (2016) ressalta que itens serão julgados como aceitáveis na medida em que são frequentes na experiência do sujeito ou se assemelham a itens frequentes, fato que pode ser relacionado à microconstrução [com força], que, em contextos como os analisados aqui, expressa um funcionamento semelhante ao dos advérbios intensificadores altamente frequentes: *muito*, *bastante*, *demais* e *exageradamente*. O gráfico 2 ilustra a categoria e a frequência de elementos escopados pela microconstrução intensificadora [com força] no português brasileiro:

Gráfico 2. Tipo de elemento escopado pela microconstrução intensificadora [com força]

Fonte: Elaboração própria

Outro aspecto importante diz respeito ao seu processamento enquanto unidade, que, à medida que se cristaliza na língua, passa a se tornar mais frequente no uso. Considerando que itens utilizados frequentemente juntos podem ser processados como uma unidade (BYBEE, 2016), é possível observar a unificação da microconstrução [com força], uma vez que não se reconhecem as partes da expressão como elementos independentes, mas um único bloco cognitivo, cujo significado é de intensificação.

O gráfico 2 mostra que o escopo da microconstrução [com força] tende a incidir sobre a categoria verbal, que representa 96% dos dados levantados, contra 4% dos dados que operam sobre a categoria de adjetivo. Esse resultado aponta para um comportamento diferenciado dessa expressão intensificadora, quando comparada, por exemplo, com a expressão intensificadora [pra caramba], que escopa, segundo Scaldelai-Salles e Souza (2020, p. 73), com uma frequência equilibrada, tanto verbos quanto adjetivos. Ao realizar o mapeamento dos tipos de verbos modificados pela microconstrução intensificadora [com força], verificamos a seguinte distribuição apresentada na tabela 2:

Tabela 2. Tipo de verbo escopado pela microconstrução intensificadora [com força]

Tipo de verbo	Intensidade	Total
Ação	46 (58,2%)	46
Processo	23 (29,1%)	23
Estado	10 (12,7%)	10
Total	79 (100%)	79 (100%)

Fonte: Elaboração própria

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Com base na tabela acima, observa-se que, dentre os tipos de verbos escopados pela microconstrução intensificadora [com força], os verbos de ação aparecem em primeiro lugar, somando 58,2% dos dados levantados no *corpus*. Abaixo, apresenta-se uma ocorrência com o verbo “esbofetear”:

- (18) Hermano ressentido do ataque de Simeão, tinha-o *esbofetado com força*, recebendo na manga da camisa gotas de sangue que saltaram do rosto do escravo... (18:Macedo: Luneta)..

Os verbos de processo aparecem em segundo lugar, totalizando 29,1% dos dados. Observe o dado abaixo:

- (19) Os meus sentidos aguçaram-se; a minha inteligência entorpecida durante a viagem, *despertou com força*, alegre e cantante... (19:Fic:Br:Barreto:Caminha)

Por fim, temos os verbos de estado, que representam somente 12,7% dos dados catalogados. A ocorrência a seguir é composta por esse tipo:

- (20) O tráfico de animais silvestres *está presente com força* junto com o comércio de muita coisa furtada, roubada e pirateada. (21:aprenda.bio.br).

Esse resultado reforça a tese de que as construções intensificadoras tendem a ser usadas em contextos verbais que requerem um sujeito agente responsável por executar a ação expressa pelo verbo. Os verbos de processo, em geral, requerem sujeitos que são sempre afetados por algo externo, ou seja, o sujeito de verbos de processo é sempre paciente, experimentador ou beneficiário de algo. Os verbos de estado, como mostra a tabela 2, são pouco frequentes com esse tipo de intensificador.

Visando estabelecer uma caracterização mais ampla dos tipos de predicados verbais que podem ser modificados pela microconstrução analisada, utilizamos a proposta de Sheibman (2000), que apresenta uma ampla divisão semântica dos verbos, podendo enquadrá-los como: corporais, cognitivos, sentimentais, existenciais e outros. Com base nessa categorização, constatamos que os verbos corporais e materiais são aqueles que estão mais relacionados à expressão de modo e instrumento, justamente porque esses verbos estão situados em um domínio cognitivo mais concreto, diretamente vinculado às ações biofísicas do falante no seu dia a dia, tais como, *comer, correr, fumar, chorar, sair, abraçar, bater*, entre outros. Em contrapartida, os verbos de natureza locucional, relacional, sentimental, perceptiva e cognitiva, incluindo usos metaforizados de verbos corporais e materiais, são os tipos verbais que são mais frequentemente escopados pela microconstrução [com força]. Vejamos o quadro 2:

Quadro 2. Classificação e tipos de verbos escopados pela microconstrução intensificadora [com força]

Tipo semântico	Predicado licenciado
Corporal	<i>bradar, palpitar, esbofetear, correr, nadar, fumar, sair, chorar, chegar, contorcer, voltar, abraçar, bater, reagir, comer, crescer, puxar, varrer, agarrar, mexer</i>
Material	<i>bater, fazer algo, apoiar, badalar, lançar, combater, bater, acrescentar, trabalhar, sorver, fumacear, aparecer, ecoar, conter, retomar, repercutir, funcionar, agregar, aliviar</i>
Locucional	<i>interromper, comunicar, dizer, criticar, protestar, atestar, insistir, gesticular, propagar, ordenar, repercutir</i>
Existencial	<i>estar, começar, ressuscitar</i>
Relacional	<i>recuperar, ressurgir, surgir</i>
Sentimental	<i>amar, desejar, expressar</i>
Percepção	<i>despertar, ver, enxergar, ouvir</i>
Cognição	<i>lembrar, pensar, refletir, raciocinar</i>

Fonte: Elaboração própria

Com base no quadro 2, notamos que os verbos mais licenciados são aqueles que expressam um significado mais concreto, o que pode estar relacionado ao fato de o substantivo *força* designar, inicialmente, um significado do mundo biofísico. Com base na classificação acima, nota-se que as microconstruções [com força] de natureza intensificadora tendem a se posicionar mais à direita (do polo +abstrato), já que resultam de uma operação de metaforização, cuja ideia intensificada pode incidir sobre qualquer tipo de verbo. Já os verbos do tipo “agarrar”, “bater”, “puxar”, dentre outros, classificados como mais concretos, situados à esquerda do *continuum* organizado abaixo (-abstrato), tendem a se relacionar mais com as microconstruções que expressam modo ou instrumento. Aqueles verbos que se situam no intermédio do *continuum* podem tanto servir à expressão de modo e instrumento quanto à expressão de intensidade:

(-abstrato)	>>	>>	(+abstrato)
<i>agarrar com força</i>	<i>trabalhar com força</i>	<i>interromper com força</i>	<i>amar com força</i>
<i>puxar com força</i>	<i>correr com força</i>	<i>repercutir com força</i>	<i>lembrar com força</i>
<i>bater com força</i>	<i>surgir com força</i>	<i>surgir com força</i>	<i>desejar com força</i>

Por meio das ocorrências supramencionadas, é possível notar que à medida que a microconstrução [com força]_{intensif} passa a se tornar bastante frequente na língua, o *slot* de elemento modificado passa a aceitar adjetivos, como exemplificado abaixo:

- (21) Ptz! Posso ter uma boa aparência, mais devo ser feio **com força**! Todos os dias tomo banho de manhã e a noite na hora de ir e voltar da academia. (21:sobrereacionamento.com).
- (22) Porque o que seria do planeta sem flores, cachorros ou até mesmo pedras? Chato **com força** né! Tudo tem sua razão de ser e existir! Então, somos todos milagres de algo maior que não sabemos muito bem definir. (21:tresnortes.wordpress.com).
- (23) havia algumas no caminho onde as pessoas pisam, outras numa terra ruim **com força** e cheia de pedras, outras num lugar que tinha muito espinho. (21:bibliafreestyle.com.br).

Pode-se notar que, nos exemplos (21), (22) e (23), o *slot* X, além de poder ser preenchido por um predicado verbal, pode também alocar predicados adjetivais, avançando, assim, em termos de produtividade. Para Bybee (2016), a *produtividade* refere-se à ampliação dos (sub)esquemas de uma construção e, por essa razão, é comumente relacionada às frequências *type* (de tipo) e *token* (de ocorrência). Por meio da afirmação “Posso ter uma boa aparência, mais devo ser feio com força”, dada em (21), evidencia-se que a microconstrução [com força] escopa o adjetivo “feio”, que ocupa o *slot* X do subesquema construcional [[X] prep N], como em: [[feio] com força].

Em (22), o falante declara que um planeta sem flores, cachorros e até mesmo pedras seria muito chato, monótono/entediante, ou seja, seria “chato com força”. Já em (23), ao enunciar *havia algumas no caminho onde as pessoas pisam, outras numa terra ruim com força*, o intuito do falante é enfatizar o quão ruim é a terra ao seu redor (que está cheia de pedras e não é adequada para o plantio). Essa ideia é reforçada pelo uso da microconstrução intensificadora [com força], que modifica a propriedade expressa pelo adjetivo “ruim”, sendo equivalente aos advérbios “muito” e “demais”. É importante destacar ainda que o intensificador [com força] tende a vir posposto ao adjetivo, enquanto as microconstruções intensificadoras prototípicas como “muito” e “bastante”, quando escopam verbos e adjetivos, tendem a vir antepostas a eles.

Sobre essa questão, Ilari *et al.* (1991, p. 119) assinalam que a posição dos intensificadores prototípicos, em construções que apresentam como escopo um predicado verbal, é predominantemente posposta ao elemento escopado, diferentemente de quando o termo escopado é um adjetivo, em que a tendência é posição anteposta. Em contextos em que o elemento escopado é um adjetivo, [com força] ocorre em posição posposta, diferenciando-se do uso prototípico, cuja funcionalidade indica anteposição em relação à construção adjetival.

Essa semelhança, em termos de funcionalidade, com construções já existentes no português, pode indicar a ocorrência de *analogização* no processo de intensificação, como pontuado por Traugott e Trousdale (2013), cujo mecanismo operacional permite a criação de novos usos a partir de outros já existentes na língua.

O desenvolvimento da construção [com força] resulta de processos metafóricos que se originam de aspectos formais e semânticos. Ao investigar a origem da expressão de intensidade da construção em análise, verificamos que a intensidade é permitida devido às acepções de origem do substantivo *força*, Segundo Borba (2011), o vocábulo *força* apresenta as seguintes nuances: “aquilo que faz mover”, “impulso”, “pressão”, “vigor físico”, “energia”, “robustez”, “resistência”, “fôlego”, “poder”, “influência”, “eficácia”, “intensidade”, acepção que é estendida para o novo funcionamento.

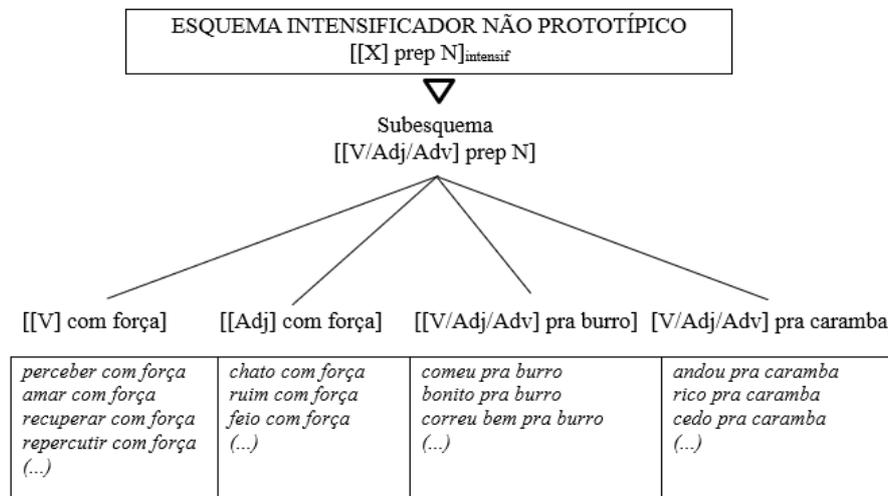
Como visto até aqui, o fato de ambas as sequências [com] [força] serem acessadas como um único bloco cognitivo, ou seja, como um *chunk*⁶, nota-se um alto nível de entrincheiramento⁷ e perda de composicionalidade, uma vez que a soma das partes passa a fazer referência a significados mais generalizados, que não denotam ações no mundo biofísico, tais como força ou potência física. Essas mudanças também impactam a produtividade e o grau de esquematicidade do (sub)esquema construcional [[X] prep N], que passa a instanciar outros tipos de microconstruções intensificadoras na língua ao longo do tempo. A figura 4 representa uma proposta de organização hierárquica da rede construcional de [com força]:

6 De acordo com Bybee (2016), *chunking* é um processamento cognitivo, gerado via repetição, que leva o falante a interpretar um conjunto de palavras como uma única unidade semântica.

7 Para Goldberg (2005), a experiência repetida de uma construção desencadeará o seu entrincheiramento, ou seja, a sua representação holística, cristalizada, enquanto pareamento forma e significado.

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

Figura 4. Proposta de organização da rede construcional de intensificação no português



Fonte: Elaboração própria

Com base na proposta de organização da rede construcional de intensificação no português, representada na figura 4, pode-se entender a relação entre subesquemas e esquema de intensificação de duas formas possíveis: (i) na primeira delas, considera-se que o padrão construcional $[[X] \text{ prep } N]$ constitui um subesquema construcional de intensificação vinculado a um esquema mais genérico de intensidade, que instancia diferentes outros tipos construcionais; (ii) no segundo caso, pode-se entender que o padrão construcional $[[X] \text{ prep } N]_{\text{intensif}}$ representa um esquema construcional de intensificação, responsável por instanciar outros subesquemas construcionais de intensidade, organizados a partir de suas especificidades formativas.

Neste trabalho, entende-se que o padrão construcional $[[X] \text{ prep } N]_{\text{intensif}}$ pode ser considerado um esquema geral que instancia outros subesquemas construcionais de intensificação, tais como $[[V/Adj/Adv] \text{ prep } N]$, e também outros subesquemas construcionais que expressam modo, como exemplificado na figura 2. Trata-se de um subesquema construcional bastante produtivo no português, pois ele instancia, como visto em Scaldelai e Souza (2020, p. 68-69), diferentes tipos de construções intensificadoras não prototípicas, como *[pra caralho]*, *[pra Cacilda]*, *[à beça]*, *[a rodo]*, *[pra chuchu]*, etc. Para Goldberg (2003, p. 219), “a totalidade do conhecimento da linguagem pode ser capturada em termos de rede de construções”, o que se dá a partir do pareamento entre a forma $[\text{prep } N]$ e o significado de *intensificação*, como é o caso da microconstrução intensificadora [com força] aqui investigada. Assim, a formação desse subesquema construcional atesta o fato de que o falante categoriza os elementos linguísticos com base em semelhanças entre a forma ou sentido.

Considerações finais

Ao investigar a história da microconstrução [com força] no português brasileiro, foram encontrados quatro valores semânticos em funcionamento: *modo*, *instrumento*, *predicativa* e *intensidade*. Com base nas análises acerca dessa microconstrução, foi possível notar que o seu surgimento enquanto microconstrução intensificadora se dá a partir do século XIX, com base nos dois primeiros valores encontrados desde o século XVI: *modo* e *instrumento*.

Vimos também que a microconstrução intensificadora [com força] constitui um caso de construcionalização gramatical, visto que ela emerge no português como um novo nó construcional que atua na marcação de intensidade. Essa expressão integra a rede de construções intensificadoras complexas (não prototípicas) e mantém uma relação de familiaridade com as microconstruções que expressam modo (e instrumentalidade, em sentido mais amplo), justamente porque são instanciadas pelo mesmo esquema construcional, a saber: [[X] prep N].

Os nossos dados mostram ainda que a microconstrução intensificadora [com força] pode escopar dois tipos de predicados: (i) *predicados verbais*, tais como os verbos de natureza locucional, relacional, sentimental, perceptiva e cognitiva, incluindo usos metaforizados de verbos corporais e materiais, como *repercutir*, *amar*, *desejar*, *pensar*, *perceber*, entre outros; (ii) *predicados adjetivais*, como *ruim*, *chato*, *feio*, *bonito*, etc. Em relação aos tipos de predicados encontrados, foram identificados no *corpus* verbos de ação, processo e estado. Considerando que a variabilidade no *slot* de uma construção é um dos aspectos que indicam o seu grau de produtividade e esquematicidade, podemos afirmar que [com força] com função intensificadora é uma microconstrução relativamente produtiva, pois, apesar de escopar diferentes tipos de verbos e adjetivos, sua frequência na língua é inferior à de outras construções.

Não encontramos no *Corpus* do Português nenhuma ocorrência da expressão [com força] que tome como escopo um advérbio, como *cedo pra burro* ou *bem pra burro*, no entanto, em outros tipos de banco de dados, como o próprio Google, trazem várias ocorrências desse tipo. Ao observar a ordem em que a microconstrução intensificadora [com força] ocorre, notamos que, embora advérbios de intensidade como *muito* e *bastante* ocorram antepostos a adjetivos, a microconstrução inovadora sempre ocorrerá posposta a eles, da mesma forma que ocorre com verbos.

Outro aspecto identificado na análise é que os verbos corporais e materiais tendem a relacionar mais com expressão de modo e instrumento, uma vez que esses verbos

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

veiculam conteúdos semânticos que estão situados em um domínio cognitivo mais concreto do universo biofísico do falante, por exemplo, os verbos *comer, correr, fumar, chorar, sair, abraçar, bater*, entre outros. Essa diferença comportamental no que se refere ao tipo de elemento escopado pela expressão aponta para uma distinção importante entre os usos de [com força] como intensificador e advérbio de modo.

Referências

BERLANDA, S. Constructional Intensifying Adjectives in Italian. **Proceedings of the 9th Workshop on Multiword Expressions** (MWE 2013), Atlanta, Georgia, 2013, p. 132-137.

BORBA, F. S. (org.). **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BUNTINX, N.; VAN GOETHEM, K. **Cross-linguistic perspectives on intensification in speech**: A comparison of L1 French and L2 English and Dutch. Poster presented at the Using Corpora in Contrastive and Translation Studies Conference (5th edition). Louvain-la-Neuve, Belgium, 2018.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

COSTA, I. O. **A construção superlativa de expressão corporal**: uma abordagem construcionista. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. USA: Oxford University Press, 2013.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 2003.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRANDI, N. Intensification processes in Italian. *In*: NAPOLI, M.; RAVETTO, M. (ed.). **Exploring Intensification. Synchronic, diachronic and crosslinguistic perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2017. p. 55-77.

ILARI, R. *et al.* Consideração sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. T. DE. (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1991. p. 64-141.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press; 1987.

MOTA, N. A.; VIEIRA, M. S. M. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. **Revista Linguística**, v. 16, p. 50-68, 2020.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Contexto, definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. **Linguística Centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 22-35.

- | A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional

SCALDELAI-SALLES, A. L.; SOUZA, E. R. F. de. Um estudo construcional da microconstrução[[x] pra caramba] no português brasileiro. **Filol. Linguist. Port.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 55-79, jan./jun. 2020.

SCALDELAI, A. L. **Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro**. Relatório Parcial de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP, 2016. [disponibilidade restrita]

SCALDELAI, A. L. **Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro**. Relatório Parcial de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: UNESP/FAPESP; 2017. [disponibilidade restrita]

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.

SILVA, B. C.; SOUZA, F. F.; ANDRADE, W. C. Intensificação no Português Falado. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, n. 1, p. 1-11, 2009.

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 201-218, 2º sem. 2006.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; BARBOSA, Leticia de Almeida. A microconstrução intensificadora [com força] no Português Brasileiro: uma análise em perspectiva construcional. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 28-57, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 23/12/2022.
